



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO

**LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS AO MULTILINGUISMO E À
SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO**

ANDRESSA FERNANDA PINTO SERPA

**GREENSPEAK E A INFLUÊNCIA DO DISCURSO AMBIENTAL NA
MENTALIDADE DOS FALANTES DA LÍNGUA INGLESA**

Brasília

2018

ANDRESSA FERNANDA PINTO SERPA

**GREENSPEAK E A INFLUÊNCIA DO DISCURSO AMBIENTAL NA
MENTALIDADE DOS FALANTES DA LÍNGUA INGLESA**

Trabalho de conclusão de curso-TCC
apresentado à Universidade de Brasília-UnB
como requisito para a obtenção do grau de
bacharel em Línguas estrangeiras aplicadas ao
multilinguismo e à sociedade da informação.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Helena Santiago

Brasília

2018

FICHA CATALOGRÁFICA

S487g Serpa, Andressa Fernanda Pinto

Greenspeak e a influência do discurso ambiental na
mentalidade dos falantes da língua inglesa. Brasília: [s.n.], 2018.

52 f.; 30 cm.

Trabalho de conclusão de curso (graduação)- Universidade
de Brasília, Línguas estrangeiras aplicadas ao multilinguismo e à
sociedade da informação.

Orientação: Helena Santiago

1. Greenspeak. 2. Discurso ambiental. 3. Inglês. 4.
Linguística. I. Serpa, Andressa Fernanda Pinto. II. Santiago,
Helena. III. Título.

CDD 418.42 CDU 811.111

FOLHA DE APROVAÇÃO



Universidade de Brasília, Instituto de letras, Departamento de línguas estrangeiras e tradução

Título: Greenspeak e a influência do discurso ambiental na mentalidade dos falantes da língua inglesa

Aluna: ANDRESSA FERNANDA PINTO SERPA

Trabalho de conclusão de curso-TCC apresentado à Universidade de Brasília-UnB como requisito para a obtenção do grau de bacharel em Línguas estrangeiras aplicadas ao multilinguismo e à sociedade da informação.

Brasília, 10 de dezembro de 2018

Prof^ª. Dr^a. Helena Santiago- Orientadora (UnB)

Prof. Dr. Roberto B. Cavalcanti (UnB)

Prof. Dr. Virgílio Almeida (UnB)

“In wildness lies the hope of the world.”

(John Muir)

Resumo

As questões ambientais se fazem cada vez mais presentes e importantes nos dias atuais. A iminência das consequências de nossos atos, enquanto seres humanos, deveria ter a atenção e a busca por compreensão e soluções de todos nós. Contudo, não é isso que observamos. Mesmo entre aqueles que se preocupam com a situação ambiental existem enganos, interpretações errôneas, valores mal guiados e prioridades confusas. Este trabalho busca mostrar que uma das bases desses problemas se encontra na língua. Para isso, se procederá a descrever alguns dos aspectos utilizados para se analisar a *Greenspeak* e mostrar exemplos de tais aspectos na língua inglesa, para em seguida elaborar uma análise própria de um discurso ambiental, de língua inglesa, de dois líderes políticos, expondo a influência que nossas escolhas de palavras e expressões linguísticas possuem não só em nossas vidas, mas em tudo ao nosso redor.

Palavras-chave: Greenspeak. Discurso ambiental. Inglês. Linguística.

Abstract

Environmental matters become more present and more important with each passing day. The imminence of the consequences of our actions, as human beings, should have the attention of and the ongoing search for understanding and solutions from all of us. However, that is not what can be observed. Even among those who care about the environment there are misunderstandings, misinterpretations, badly guided values and poorly organized priorities. The aim of the present paper is to show that one of the core reasons for the existence of such issues can be found in our languages. It intends to do so by describing some of the aspects utilized to analyse Greenspeak and by showing examples of those aspects in the English language, as well as conducting its own analysis of an environmental discourse by studying the discourse, in the English language, of two political figures, exposing how much our choices of words and linguistic expressions influence not only our own lives, but also everything around us.

Key-words: Greenspeak. Environmental speech. English. Linguistics.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	01
1.1 JUSTIFICATIVA	02
1.2 OBJETIVOS	03
2. DESENVOLVIMENTO	04
2.1 METODOLOGIA	04
2.2 REVISÃO DE LITERATURA	05
2.3 ANÁLISE	31
3. CONCLUSÃO	35
BIBLIOGRAFIA	37
ANEXO A	39
ANEXO B	41

1. Introdução

Os primeiros cálculos com relação às emissões de CO₂ e o aquecimento global e suas consequências foram feitos na década de 90 do século XIX, por Arrhenius. Mas foi somente na década de 30 do século XX que o início da preocupação com um possível aquecimento global começou a se espalhar pela comunidade acadêmica. E não foi até a década de 60 do século XX, mais especificamente em 1962, com a publicação do livro *Silent Spring* de Rachel Carson, que a sociedade, primariamente a estado-unidense, começou a se perguntar se talvez se preocupar com a Natureza e com como a tratamos não seria uma boa ideia.

Muito similar foi o desenvolvimento da preocupação com o meio ambiente concernente aos seres vivos e às paisagens naturais. Inicialmente, houve a preocupação suficiente com o meio ambiente para que se advogasse pela criação de parques naturais, os quais teriam sua área preservada. Mas essa preocupação inicial foi puramente induzida devido ao desejo de que os seres humanos ainda pudessem usufruir do que o meio ambiente poderia dar a eles no futuro, seja pelo sentimento romântico de busca da Natureza por sua beleza, paz e calma, seja pelo desejo utilitarista de ver a Natureza somente como recurso.

Ao final do século XIX, início do século XX, os problemas que já afetavam a Natureza começaram a se tornar mais visíveis e reconhecidos por nós humanos e, com este reconhecimento, veio a compreensão de que os problemas eram, na verdade, globais, e não locais. Com isso, a preocupação com o meio ambiente começou a surgir e se espalhar pelas populações e a criação de parques com áreas que fossem preservadas começou a ser efetuada por outros países que não os Estados Unidos.

A preocupação com o meio ambiente e com o modo como o estávamos tratando só começou a se tornar estabelecida e global a partir das décadas de 60 e 70, com catástrofes como as geradas pelo DDT nos Estados Unidos e outros países, assim como vários problemas gerados por animais invasores, pelo desmatamento, pela destruição de áreas, até mesmo pelo início da instalação do aquecimento global.

Ainda assim, foi preciso esperar ainda alguns anos para que disciplinas e áreas do conhecimento pudessem se estabelecer academicamente de modo crível entre o próprio meio acadêmico e entre a população. Muitos ainda acham que não vale à pena proteger a Natureza, que o trabalho envolvido na tentativa é muito grande, ou que tais problemas nada têm a ver com eles.

Tal modo de pensar, infelizmente, se aplica também às áreas do conhecimento. Com a exclusão das áreas envolvidas diretamente com as ciências da Terra, tais como Biologia, Geologia, etc., diversas áreas do conhecimento acreditam que nada têm a ver com as questões e problemas ambientais ou que nada podem fazer para tentar ajudar a resolvê-los. Um exemplo de tais áreas de estudos são as concernentes à língua, tais como a Linguística.

Contudo, isso não é verdade. Áreas consideradas de Humanas ou de Saúde têm tanto a ver com as questões e problemas ambientais quanto as outras. Os problemas ambientais não afetam só a Natureza, mas afetam a sociedade humana também, a qual é parte da Natureza em mais jeitos e formas do que as pessoas notam em seu dia-a-dia.

A própria área de estudos da língua tem influências e questões a sanar de sua parte nos problemas ambientais. Tais problemas só são problemas devido à influência e interferência humana no planeta Terra e na Natureza. Logo, todos, tanto no sentido de todos nós – pessoas – quanto no sentido de todas as áreas do conhecimento, temos um papel a cumprir na busca por soluções, uma vez que tivemos um papel na criação de tais situações.

Isso posto, o problema de pesquisa perseguido por este trabalho é o seguinte: Qual a influência da língua na mentalidade - modo de ver, tratar e interagir - das pessoas com relação à Natureza? Na busca pela resolução desta pergunta, o recorte de pesquisa do trabalho foi delimitado com a definição de que a língua escolhida para se trabalhar seria a língua inglesa, a fim de especificar o escopo do trabalho.

1.1 Justificativa

Problemas ambientais como mudanças climáticas, extinção de espécies, derretimento das calotas polares e todos os outros que influenciam e são influenciados por essas três grandes questões, tais como a produção e uso exagerado de plástico e os problemas com seu descarte, o alto índice de desmatamento, a destruição de habitats, a destruição do ciclo da água e tantos outros, estão no topo da lista dos problemas mais importantes que temos a enfrentar na atualidade.

Apesar da importância destas questões para o mundo como um todo, diversas áreas do conhecimento se consideram muito distantes do tema para lhe darem atenção ou importância. Uma destas áreas é a esfera que lida com os conhecimentos ligados às línguas. Contudo, essa

suposição não poderia estar mais errada. É pela língua que, primariamente, nos relacionamos com o mundo à nossa volta, assim como é pela língua que filtramos nossas perspectivas do mundo e tomamos nossas decisões sobre como reagir a ele.

Sendo assim, a língua é nosso principal instrumento ao tentarmos compreender e lidar com nossas relações com nossos ambientes natural e social, assim como com os problemas ambientais e todas as consequências e mudanças que eles trazem. Afinal, não é somente através da língua que preocupações globais tomam forma, mas é a língua que possui o papel principal em como essas preocupações são discutidas, negociadas e tratadas.

Sem estarmos cientes do quão somos influenciados por nossa língua, o quanto ela molda nossas perspectivas e nossos modos de pensar, e o quanto influência no modo que vemos e nos relacionamos com o meio ambiente, nós não seremos capazes de resolver os problemas que assolam o mundo inteiro.

Compreender a língua e como podemos modificá-la e melhorá-la, a fim de atingir um melhor relacionamento com o meio ambiente e sermos capazes de chegar a produzir soluções que realmente funcionam, deveria ser uma de nossas principais prioridades. Mas, para isso, precisamos primeiro estar cientes de e compreendermos não só o papel que a língua possui neste cenário, como também o papel e a responsabilidade que nós, enquanto estudiosos de línguas, possuímos na resolução efetiva do atual cenário ambiental no qual nos encontramos.

1.2 Objetivos

O objetivo geral desta pesquisa é demonstrar a importância da área de Letras para as questões ambientais e o papel deste campo de conhecimento na busca por soluções dessas questões. Para tanto, serão perseguidos os objetivos específicos a seguir:

- Mostrar o grande papel que o campo de conhecimento de Letras possui nas questões ambientais e exemplificá-lo;
- Demonstrar a influência que a língua possui em um campo do conhecimento considerado “muito distante”, o das Ciências Naturais, e no nosso modo de ver e conviver com a Natureza;

- Mostrar e exemplificar dois dos principais pontos responsáveis por tal influência no discurso ambiental, mais especificamente, na *Greenspeak*.

2. Desenvolvimento

Sob este tópico, veremos as bases teóricas que sustentam este trabalho e a análise gerada a partir do estudo de tais bases teóricas.

2.1 Metodologia

A metodologia usada no presente trabalho foi a de pesquisa descritiva, a qual, segundo Gil (2011), especifica o tipo de pesquisas que possuem como objetivo primordial descrever as características de determinada população, de determinado fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis.

O universo de pesquisa no qual este trabalho se encaixa é aquele da linguística, mais especificamente da análise do discurso, em comunhão com a biologia, mais especificamente, a conservação da Natureza. Foram efetuadas pesquisas em materiais, livros e artigos que lidassem com discurso ambiental, até se conseguir achar os mais específicos que elaborassem uma teoria sobre análise do discurso ambiental, na língua inglesa.

Os materiais favorecidos, dentre estes, foram o livro *Greenspeak – A Study of Environmental Discourse* (1999), dos autores Rom Harré, Jens Brockmeier e Peter Mühlhäusler, e o artigo *Metaphors of Nature: Old vinegar in new bottles?* (1995), do autor Mark Meisner.

Após o levantamento bibliográfico, foram efetuadas as leituras completas dos materiais escolhidos, assim como a seleção dos tópicos mais importantes a serem abordados. Uma vez definida a base teórica, foi efetuada a busca por exemplos de discurso ambiental, a fim de serem analisados. Foi definido focar nos discursos de duas figuras políticas, Justin Trudeau – o atual Primeiro-Ministro do Canadá - e Emmanuel Macron – o atual Presidente da França-, e analisar exemplos de discursos de cada um.

2.2 Revisão de Literatura

A seguir, discorreremos sobre os tópicos de análise do discurso, sobre o conceito de *Greenspeak* e sobre a análise de *Greenspeak*.

2.2.1 Análise do Discurso

Nos dias atuais, o termo ‘análise do discurso’ veio a ser usado com uma grande variedade de significados, os quais cobrem uma vasta gama de atividades. Ele é usado para descrever atividades na intersecção entre disciplinas diversas, tais como sociolinguística, psicolinguística, linguística filosófica, linguística computacional e, mais recentemente, ecolinguística.

Cada uma destas áreas tende a se concentrar em aspectos diferentes do discurso. A sociolinguística se preocupa com a estrutura das interações sociais manifestadas em conversas e suas descrições enfatizam aspectos do contexto social que são passíveis de serem usados em classificações sociológicas. A psicolinguística se preocupa com questões relacionadas à compreensão da língua, procurando investigar problemas de compreensão em textos curtos ou sequências de sentenças escritas.

A linguística filosófica e a linguística formal se preocupam com relações semânticas entre pares de sentenças construídas e suas realizações sintáticas, assim como com as relações entre sentenças e o mundo, na questão de se as sentenças são usadas para fazer afirmações às quais podem ser atribuídos valores-verdade. A linguística computacional se preocupa com produzir modelos de processamento de discurso e é limitada, por sua metodologia, a trabalhar com textos curtos construídos em contextos altamente limitados (BROWN; YULE, 1985).

Já a ecolinguística, o ramo mais recente, tendo se firmado como área de pesquisa no início da década de 1990, se preocupa com o estudo das interações da língua e seu meio ambiente, ou, como Hildo do Couto coloca em seu texto *O que vem a ser ecolinguística, afinal?*, de 2013, com o “estudo das interações verbais que se dão no interior do ecossistema linguístico.” ou, mais especificamente, o “estudo da linguagem humana como interação sob todos os aspectos.”.

Dentro da ecolinguística, temos, como um de seus objetos de interesse, o discurso ambiental, sobre o qual veremos a seguir.

2.2.1.1 Greenspeak

Rom Harré, Jens Brockmeier e Peter Mühläusler cunham o termo *Greenspeak* na década de 1990, ao se prepararem para uma série de palestras que dariam em Linacre College, em Oxford, nos anos de 1992 a 1994 sobre discurso ambiental. Em *Greenspeak – A Study of Environmental Discourse*, de 1999, os autores definem *Greenspeak* como “um termo guarda-chuva para todos os modos nos quais questões do meio ambiente são apresentadas, seja de forma escrita, falada ou imagética.”, associando em um único termo todas as possíveis formas e dialetos que formam o discurso ambiental.

Harré, Brockmeier e Mühläusler afirmam que o estudo de *Greenspeak* cresceu de forma considerável desde sua primeira aparição em 1990 com a publicação, em alemão, do primeiro livro introdutório sobre linguística ecológica. De 1990 aos anos atuais, o interesse nesta área da linguística foi aumentando, aos poucos, mas de forma constante.

Os autores afirmam que esse crescimento demonstra uma mudança de perspectiva e uma crescente percepção, da parte dos alunos de estudos ambientais, de que uma multifacetada investigação da língua é uma parte necessária e essencial ao se buscar entender as diversas e variadas formas nas quais nossas relações com o meio ambiente podem vir a acontecer.

Logo, continuam os autores, se o estudo da língua é um dos componentes essenciais quando alguém se propõe a entender o meio ambiente, a situação reversa será tão verdade quanto. Ao se estudar uma língua, é necessário dar atenção e levar em conta em seu estudo tanto o ambiente natural - meio ambiente - quanto o ambiente cultural nos quais essa língua se encontra inserida, pois, não só a língua influencia estes ambientes, mas estes ambientes, por sua vez, também influenciam a língua.

Caso contrário, se o estudar da língua é feito com ela destacada e afastada de ambos estes ambientes, como, os autores dizem, é sugerido pela “sedutora, mas duvidosa, dicotomia natureza-cultura” (tradução livre) (HARRÉ; BROCKMEIER; MÜHLÄUSLER, 1999, p.viii), dá-se uma perigosa limitação ao escopo da linguística. Este tema de estudos, chamado

“*ecology of language*” (HARRÉ; BROCKMEIER; MÜHLÄUSLER, 1999), foi introduzido por Einar Haugen no livro *The ecology of language: Essays by Einar Haugen*, em 1972.

É importante, aqui, fazermos a distinção entre duas expressões: “*the ecology of language*” ou “ecologia da língua” (tradução livre) e “*the language of ecology*” ou “língua da ecologia” (tradução livre) (HARRÉ; BROCKMEIER; MÜHLÄUSLER, 1999, p.2).

A língua da ecologia se refere ao modo como “a língua é usada para falar sobre questões ambientais” (tradução livre) (HARRÉ; BROCKMEIER; MÜHLÄUSLER, 1999, p.2), ou seja, como os instrumentos que temos disponíveis em nossa língua – termos, metáforas, narrativas e outros - influenciam como vemos, tratamos e lidamos com os problemas e questões relacionados ao meio ambiente e outros seres vivos que não nós humanos.

Já a ecologia da língua se refere a como “o contínuo bem-estar das línguas humanas é, ele mesmo, dependente de fatores ecológicos” (tradução livre) (HARRÉ; BROCKMEIER; MÜHLÄUSLER, 1999, p.2), ou seja, como fatores ambientais, sejam eles problemas ambientais, como as mudanças climáticas e a perda da biodiversidade terrestre, ou fatos ambientais, como a existência de chuva sobre o continente africano depender da evaporação de água provinda da floresta amazônica, e a relação que um povo possui com estes fatores e o meio ambiente em si influencia sua língua, seja com a presença de determinados termos, metáforas, narrativas ou outros aspectos.

Com ambas as expressões explicadas, os autores explicitam que um de seus principais objetivos com o estudo sobre *Greenspeak* é aumentar o nível de percepção crítica, o qual eles percebem como sendo muito baixo, sobre o jeito como questões ambientais são apresentadas, apesar, ou, como eles colocam, até mesmo por causa, do fluxo massivo de conversas e escritos ambientalistas. Assim, seu estudo se encontra na esfera da língua da ecologia, se preocupando com os elementos da língua que são usados para se apresentar, tratar, falar e dialogar sobre o meio ambiente e as questões ambientais.

Harré, Brockmeier e Mühläusler afirmam, então, que o *environmental case*, em sua forma mais geral, é mais sutil e mais complexo do que as atuais formas de *Greenspeak* permitem expressar e que eles acreditam que, ao estudar a *Greenspeak* e criticar construtivamente os modos linguísticos utilizados ao se montar o *environmentalist case*, é

possível a eles definir melhor os problemas existentes e, ao mesmo tempo, contribuir, de modo geral, para a linguística.

Grande parte do problema que *Greenspeak* e o *environmental case* encontram está, na verdade, nos modelos do processo de comunicação que são escolhidos e utilizados. Comunicação, para os autores, é um termo cujo significado é tomado como “se referir à produção de significado na interação entre seres humanos como ela ocorre em contextos sociais, culturais e históricos específicos” (tradução livre) e, nesta explicação, eles continuam ao explicitar que “o locus do significado, como nós o vemos, está no discurso em si e em seu contexto cultural.” (tradução livre) (HARRÉ; BROCKMEIER; MÜHLÄUSLER, 1999, p.2)

Ou seja, não só a comunicação é, neste contexto, um processo que só ocorre quando há a produção de significado em uma interação entre seres humanos em um contexto social, cultural e históricos específicos, como também este significado não provém da mera troca de palavras e pensamentos entre um ser humano e outro, mas sim do próprio discurso e do contexto cultural no qual este discurso está inserido.

Com os conceitos estabelecidos, a preocupação principal dos autores ao produzirem o estudo sobre *Greenspeak* é voltada para o modo como falantes cotidianos das línguas, tais como o inglês, podem falar e dialogar sobre questões ecológicas e ambientais. Como um segundo desenrolar dessa preocupação, eles mencionam, também, o interesse em ver o papel que falar e escrever possuem no engajamento ativo das pessoas em conversas relacionadas ao tópico ambiental (HARRÉ; BROCKMEIER; MÜHLÄUSLER, 1999, p.3).

A língua não é o único meio pelo qual questões ambientais podem ser tratadas. Existem outros tipos de mídia discursiva que também possuem papéis próprios em exemplos de *Greenspeak*, tais como gráficos, equações, digramas e fotografias. Contudo, a língua possui um papel único, o qual configura a preocupação mais geral dos autores do livro, a de estudar a *Greenspeak* como um exemplar de *persuasive discourse*, ou discurso persuasivo.

Por meio do emprego de metáforas, uso não-linear de períodos temporais, estilos de narrativas, e outros, *Greenspeak* pode ser usado com um papel de persuadir e convencer pessoas, mostrando determinado ponto de vista ou interpretação como sendo “O” correto, mesmo que este não o seja ou possua detalhes errôneos. Vamos elaborar mais sobre esta análise nos próximos tópicos.

2.2.2 Análise de *Greenspeak*

Harré, Brockmeier e Mühläusler expressam um de seus objetivos como sendo o de estudar a *Greenspeak* como um *persuasive discourse* ou discurso persuasivo. Sua motivação para tal recai sobre o interesse demonstrado pelos três autores em descobrir quais os significados simbólicos utilizados frequente e diariamente na construção, representação e negociação de questões ambientais, tanto por especialistas, cientistas, jornalistas e políticos quanto por pessoas comuns falantes de uma língua.

Os exemplos de dialetos de discurso ambiental – *Greenspeak* - coletados pelos autores são todos pertencentes ao inglês. Logo, suas análises possuem como exemplos excertos em inglês. Contudo, Harré, Brockmeier e Mühläusler detalham que, apesar de suas amostras serem em inglês, as características analisadas podem e são encontradas em qualquer língua, uma vez que se tratam de atributos base da linguística.

2.2.2.1 Fundações linguísticas

Uma vez que língua e práticas linguísticas são fenômenos ecologicamente sensíveis, é necessário que a linguística, ela mesma, seja ou ao menos incorpore em si um dialeto pertencente à *Greenspeak*. Por sua vez, diversos elementos integrantes da linguística vão possuir sua própria influência sobre a *Greenspeak* como um todo e sobre seu papel e atuação na interação entre seres humanos e meio ambiente e outros seres vivos.

Os autores começam sua análise pelo léxico da *Greenspeak*. Eles comentam que as discussões de *Greenspeak* têm a tendência de se centrar ao redor do léxico, principalmente porque o léxico é o aspecto do processo de comunicação que se encontra mais próximo da superfície da consciência dos falantes da língua. Assim sendo, a análise dos autores tem início pelo léxico, e algumas palavras-chaves, para depois se encaminhar para outros pontos importantes.

Começamos a análise com a observação de que o léxico da *Greenspeak* pode ser analisado sob diferentes pontos de vista, dentre eles o da adequação dos recursos lexicais a uma determinada tarefa discursiva e o do papel do léxico na atividade de tornar disponíveis e trazer atenção a aspectos da realidade material que, de outra forma, permaneceriam “invisíveis”.

Segundo Harré, Brockmeier e Mühläusler, o primeiro ponto de vista, que se preocupa com a adequação do léxico, é associado com o campo de planejamento de língua, cuja pergunta primária seria:

Are the lexical resources of language X suited to the discussion of phenomenon belonging to a domain Y? For instance, does English have sufficient lexical items to enable the discussion of such matter as metrication or the parts of the root system of plants or the shapes of leaves [...] and so on? (HARRÉ; BROCKMEIER; MÜHLÄUSLER, 1999, p.22).

Ou seja, o primeiro passo a se tomar seria verificar se os recursos lexicais da língua em questão são suficientes ou possuem as características e aspectos necessários para se discutir o fenômeno pertencente ao domínio em questão na situação. Em outras palavras, com um exemplo, verificar se o inglês possui itens lexicais suficientes para possibilitar a discussão de questões como metrificação ou as partes de um sistema de raízes de plantas ou os formatos de folhas existentes.

Continuando, Harré, Brockmeier e Mühläusler afirmam que os critérios básicos utilizados por aqueles que trabalham com planejamento de língua incluem adequação referencial, adequação sistemática, adequação social e adequação ambiental. Adequação sistemática se refere à língua ser estruturada de modo que possa alcançar o máximo possível de economia e eficiência, assim como possuir uma estrutura semântica clara e uniforme com uma terminologia que seja possível de se traduzir de forma não-ambígua.

A adequação social significa que a língua deve ser aceitável a um número máximo de falantes do grupo alvo, promover unidade social e intercomunicação, e servir tanto para necessidades sociais atuais quanto necessidades futuras que venham a ser antecipadas. Adequação ambiental se refere a como uma língua deve tornar seus usuários capazes de falar e discutir sobre questões ambientais de maneira informada e promover o bem-estar tanto de seus falantes quanto de todos os outros que compõem a natureza não humana.

Já a adequação referencial se refere à capacidade da língua de atender às necessidades de seus usuários como um instrumento de significado referencial. Quanto à adequação referencial, Harré, Brockmeier e Mühläusler (1999, p.22) expandem afirmando que “uma língua é adequada referencialmente se ela possuir os recursos lexicais para discutir um determinado tópico em suficiente detalhe, ‘suficiência’ sendo relativa à tarefa que estiver em questão” (tradução livre).

Ao efetuarem suas análises, foi possível aos autores observar que, do ponto de vista da adequação referencial, existe uma desconexão entre os contornos da língua inglesa e os contornos de nosso ambiente natural, apesar dos 400 anos de pesquisas científicas feitas em cima de nosso meio ambiente e do consequente desenvolvimento de recursos na língua.

Para explicar um dos problemas dessa desconexão, os autores começam com o exemplo da expressão *greenhouse effect*, a qual, assim como muitas das expressões introduzidas em uma língua para se referir a novas áreas de conhecimento, é uma metáfora e, logo, aberta a numerosas possíveis interpretações. Além de possuir múltiplas interpretações possíveis, a expressão *greenhouse effect* se refere a um cenário presumido e assumido, ao contrário de uma realidade que possa ser facilmente medida e controlada.

Por serem metáforas, termos tais como *greenhouse effect* encontram suas correlações não linguísticas em modelos ou abstrações da realidade material, não da realidade correspondente em si. Isso os torna, então, termos usados para se criar uma imagem, um mundo virtual, o qual pode ser facilmente confundido com o mundo real. A troca ou confusão resultante pode ter sérias consequências, uma vez que a imagem ou mundo virtual criado por estes termos nada mais é do que, em sua melhor forma, uma analogia ou uma abstração da realidade.

Harré, Brockmeier e Mühläusler citam uma possível consequência do problema mencionado quando aplicado ao mundo real: “*The crucial question for policymakers – namely, what is the degree of similarity between this image of the world and the real world? – tends to be lost sight of as the metaphor comes to take on the trappings of a direct description.*”, ou seja, em campos como a política, por exemplo, a pergunta crucial “Qual o nível de semelhança entre a imagem deste mundo criado pela metáfora e o mundo real?” tende a ser esquecida e ter suas consequências ignoradas quando a metáfora passa a ser vista e tomada como uma descrição direta.

Além disso, devido a essas metáforas que têm seus status como metáforas esquecidos, quando expressões como *Earth is a greenhouse*, da qual vem a metáfora de *greenhouse effect*, se tornam bem estabelecidas na língua, tanto *Earth* quanto *greenhouse* acabam por terem seus significados originais sutilmente modificados, modificando seus lugares originais no imaginário e na compreensão dos usuários da língua.

Os falantes da língua se tornam tão acostumados à nova imagem associada aos termos que eles passam a ser tratados como palavras “comuns”, ou seja, palavras que encontram suas correlações não linguísticas na realidade. Assim, metáforas passam a ser vistas como parte da realidade, não só trazendo problemas para a compreensão real da coisa ou fenômeno à qual a metáfora originalmente queria aludir, como também para as palavras originais que passam a fazer parte da metáfora, as quais têm, mais frequentemente do que não, seus lugares e funções originais na língua modificados.

Ainda no tópico da adequação referencial, os autores trazem um aspecto que faz parte dos casos cobertos pela ação direta do planejamento de língua, expressões e/ou termos linguisticamente inadequados. Pode-se classificar um termo ou expressão como sendo linguisticamente inadequado caso ele se encaixe em uma de três categorias: vaguidade semântica - *semantic vagueness* -, “subdiferenciação” semântica - *semantic underdifferentiation* -, codificação enganosa - *misleading encoding* -.

Quando usadas no contexto de *Greenspeak*, as categorias podem ser exemplificadas da seguinte forma: vaguidade semântica, a qual pode ser entendida literalmente, se refere a um termo que não possui referência no contexto no qual está inserido, sendo, portanto, vago e não provendo um significado real, fazendo com que perguntemos - o que, realmente, é X? -. Exemplos de termos que se encaixam nesta categoria são poluição, progresso, avanço, primitivo, seguro, peste; “subdiferenciação” semântica se refere a termos defeituosos bastante parecidos com os vagos, contudo, no caso da “subdiferenciação”, ao invés de não realmente possuir um significado real, o termo possui múltiplos significados, cobrindo diferentes fenômenos possíveis ao mesmo tempo, como, por exemplo, crescimento, o qual pode se referir a crescimento natural, crescimento feito pelo homem, crescimento aritmético, crescimento exponencial, e outros; codificação enganosa traz termos que enganam o usuário quanto a seu significado real, fazendo-o pensar que o significado do termo é x quando, na verdade, o significado é y, como vemos no exemplo de fertilizante, o qual, na verdade, pode deixar o solo afetado infértil.

Os autores mencionam também o quanto é importante a valoração que damos às palavras por meio de nossa cultura e experiência, algo que muitos usuários da língua nem notam que fazem. Como exemplo, eles usam a análise do autor Halliday, encontrada no livro *New ways of analysing meaning: The challenge to applied linguistics*, de 1992, sobre a palavra *growth*.

Halliday fala como a carga valorativa que impomos à palavra *growth*, ou crescimento, é positiva, devido a lembranças tais como uma tia querida lhe elogiando dizendo o quanto você cresceu, quando era criança, ou outras diversas situações culturais. E que essa carga de valor imposta à palavra impede que ela venha possa ser usada em um sentido que deveria ser negativo, tal como *zero population growth*, indicando que não houve crescimento da população. O ponto da análise é que palavras podem ter uma carga cultural e/ou emocional tão grande a elas conectada que seus significados não podem ser redefinidos em outros contextos, levando, muitas vezes, a uma codificação enganosa do termo. É preciso arranjar formas ou instrumentos para se reverter essas marcações.

Em seguida, Harré, Brockmeier e Mühlhäusler nos levam, ainda dentro da adequação referencial, à problemática da pobreza lexical. A pobreza lexical é quando a língua não possui os termos necessários para expressar um determinado fenômeno, situação ou “coisa”. É complicado achar exemplos de termos não existentes em uma língua, a não ser que se compare esta língua à outra que seja desenvolvida mais extensamente ou diferencialmente desenvolvida na área de recursos referentes a discussões de questões ambientais.

Contudo, é possível se achar exemplos de conceitos para os quais não existem itens lexicais adequados. Harré, Brockmeier e Mühlhäusler usam esta possibilidade para dar exemplos de pobreza lexical no inglês, exemplificando conceitos tais como “uma palavra que signifique ‘não biodegradável’”, “um termo guarda-chuva para produtos de tipo investimento-capital que não duram mais do que o tempo que leva para pagá-los”, “um termo para alguém que não recicla suas garrafas, papéis, e outros”, “um contêiner de lixo especial para itens recicláveis, tal como *Grone Tonne* em alemão” (tradução livre).

Com isso, Harré, Brockmeier e Mühlhäusler encerram o tópico da adequação referencial. Em seguida, entramos na adequação sistemática, uma noção que, segundo os autores, é ligada à facilidade de decodificar. Essa facilidade de decodificação pode ser atingida de diversas formas. Em primeiro lugar, temos o processo de otimização da codificação de ícones. Tal processo se dá quando conceitos centrais são morfologicamente menos complexos do que conceitos não centrais, sendo que a centralidade de um conceito é culturalmente dependente, ou seja, cavalo é um conceito central para alguém que trabalhe em um estábulo, assim como metrô é um conceito central para aqueles que dependem de transporte público.

Em segundo lugar, temos o processo de encurtamento de termos, cuja necessidade é possível verificar ao se notar a existência de poucas palavras curtas no léxico ambiental do inglês. O processo de encurtamento é o processo pelo qual termos como *sexual intercourse* e *grandmother* foram reduzidos para *sex* e *gran* (HARRÉ; BROCKMEIER; MÜHLHÄUSLER, 1999, p.32). Logo, este é um processo sistemático pelo qual seria interessante o léxico ambiental passar, encurtando alguns dos grandes termos que preenchem a área, tais como *global warming*, *ozone depletion* e *greenhouse effect*.

Em terceiro, temos a geração de novo material lexical a partir de morfemas e regras lexicais já existentes. Tal método, apesar de produzir um inventário lexical altamente passível de ser aprendido, está frequentemente em conflito com fatores como a concordância com a terminologia internacional. E, em quarto, temos o uso de classificadores, os quais atribuem itens lexicais para áreas semânticas específicas. Tal processo é especialmente útil em situações nas quais velocidade na decodificação é essencial, como, por exemplo, classificar químicos de acordo com seu uso para brigadas de incêndio.

A codificação de itens lexicais pode variar muito de uma língua para outra, principalmente quando comparando línguas “internacionais” e mais comumente conhecidas, tais como o inglês e o francês, com línguas mais “exóticas” e pouco conhecidas, como o exemplo dado pelos autores, *Aiwo*, a língua falada no Recife de Ilhas, na parte sudoeste do Pacífico.

Em *Aiwo* existem 40 possíveis classes nas quais se classificar um substantivo, como, por exemplo, a classe identificada pelo prefixo *si-*, a qual identifica substantivos que denotam objetos e itens que sejam desprezados, sujos, sem valor, perigosos ou desagradáveis. Enquanto, por um lado, tal característica se faz útil ao fazer com que os usuários da língua saibam identificar, de imediato, coisas que são ruins, pelo outro lado, a mesma característica provê um sistema inflexível, no qual um termo está para sempre preso ao modo como seu conceito ou objeto era visto na época em que ele foi criado.

Em línguas europeias (*SAE* – Standard Average European), os substantivos tendem a pertencer a diversas criptoclasses – classes ocultas - semânticas e gramaticais que não possuem marcações morfológicas. Tal fato, por um lado, permite a falantes da língua discutir fenômenos em um maior nível de generalidade e em termos neutros, livre de valorações, mas, por outro lado, pode levar a uma imprecisão considerável e a mal-entendidos e interpretações errôneas (HARRÉ; BROCKMEIER; MÜHLHÄUSLER, 1999, p.33).

Exemplos deste sistema são palavras como *disposal*, a qual não possui nenhum tipo de marcação ou indicador que explicita caso se está lidando com algo permanente ou temporário; e *landfill*, que não possui nenhuma marcação ou indicador que explicita que tal instituição é passível de sofrer dramáticas mudanças de repente.

As línguas *SAE*, ao contrário de muitas outras, não codificam mudanças relacionadas a aspecto e tempo em nenhum tipo de formato ou forma sistemática. O inglês, entretanto, expressa conceitos associados por meio do uso de circunlocução, ato de usar muitas palavras para expressar algo que poderia ser expresso pelo uso de poucas (verborreia), ou lexicalização, ato de adicionar palavras, frases idiomáticas ou padrões de palavras ao léxico de uma língua, o que torna a distinção entre permanente/não permanente nebulosa.

Analisado na prática, tal fato resulta em numerosas ambiguidades, como, por exemplo, nos casos de *disposal*, o qual pode ser interpretado tanto como “se livrar de forma não segura e temporária” (tradução livre) quanto como “descarte final de resíduo, geralmente feito por meio de queima ou enterrando” (tradução livre), e de *safety*, no caso do qual os autores dizem que a questão gira em torno de se as substâncias ou instalações são temporariamente seguras ou *safe pinis*, seguras em princípio e perpetuamente. Tanto *safety* quanto *safety levels* são fenômenos altamente tempo-dependentes (HARRÉ; BROCKMEIER; MÜHLHÄUSLER, 1999, p.34).

Harré, Brockmeier e Mühlhäusler chamam, então, a atenção para todos os exemplos já usados e para a tendência, bastante forte na terminologia ambiental, de se dar preferência a sintagmas nominais (grupo onde se junta substantivos e adjetivos) ao invés de expressões verbais. Alguns dos exemplos dados são: *energy resources*, *environmental theory and analysis*, *ecological modelling*, *ecological disturbance theory*, *dispersion in the environment*, *dispersion in rivers and estuaries* e *dissolved oxygen*. Tais locuções nominais possuem a tendência de serem fortemente parciais em favor de uma interpretação que os vê como estados permanentes. Os autores explicam que seria preferível usar verbos no lugar dos nominais nesses casos nos quais a permanência não é algo implícito no conceito.

2.2.2.1.1 Adequação social

“O parâmetro da adequação social é melhor ilustrado com um exemplo: o domínio do discurso sobre (super)população humana. Medo do crescimento da população tem sido inflamado por uma linguagem extravagante.” (tradução livre) (HARRÉ, BROCKMEIER;

MÜHLHÄUSLER, 1999, p.35). Os autores seguem seu raciocínio com exemplos de termos vistos como linguagem extravagante, tais como *population explosion*, *people pollution* e *population bomb*.

Sendo assim, a adequação social pode ser definida como uma necessidade do termo de se encaixar em seu contexto específico levando em conta o contexto cultural que permeia a língua em questão e os valores dados às palavras pelos usuários da língua. Harré, Brockmeier e Mühlhäusler tomam como exemplo deste caso o termo *population control*, o qual tem sido usado durante anos, até mesmo por cientistas, como um termo para se referir a medidas voltadas para reduzir, por exemplo, a taxa de crescimento da população mundial, a quantidade, em si, de pessoas em certas populações e controle da taxa de densidade de uma população.

Apesar de ser um termo bastante vago, ele possui uma desvantagem ainda maior do que sua vaguidade ou sua inadequação sistemática. Segundo os autores, o termo *population control* pertence ao mesmo paradigma que *pest control*, *weed control* e *bug control*, correlacionando-o com a redução e controle de pragas e pestes. Essa proximidade do termo *population control* com todos os outros termos acima, os quais indicam o controle de pragas, lhe traz problemas com relação a sua adequação social. Seres humanos não gostam de ver a si mesmos e o controle de suas populações da mesma forma e sob a mesma luz que veem o controle de vermes e pombos feito a partir de envenenamento.

2.2.2.1.2 Construção da realidade e “*Deeper*” Grammar

Como Harré, Brockmeier e Mühlhäusler dizem, o léxico pode ser analisado pela questão de sua adequação ou pela questão de seu papel na construção da realidade. Tendo visto o campo da adequação, vamos agora para o campo da construção da realidade.

Pode-se conceber dois pontos de vista opostos quando se fala da relação entre línguas e realidades. Um dos pontos de vista olha para tal relação a partir de um prisma de mapeamento ou denominação, dando à língua a função de nomear realidades já pré-existentes.

O outro ponto de vista olha a mesma relação a partir de um prisma da construção da realidade e, sob ele, uma quantidade significativa de pedaços da realidade é trazida ao plano de existência, ou seja, se tornam realmente realidades, por meio de dispositivos linguísticos. Uma versão mais atualizada do mesmo ponto de vista elucida que não são realidades em si,

mas perspectivas da realidade que são trazidas para existência ou aspectos da realidade que se tornam disponíveis para os humanos.

Se a pessoa analisando o léxico tomar como seu ponto de vista o que utiliza o prisma do mapeamento ou denominação, a questão da adequação do léxico deve passar a ser vista de acordo com: as línguas terem ou não terem termos adequados para as entidades do mundo real; as línguas possuírem distinções muito delicadas ou muito indelicadas; as línguas usarem termos enganosos para descrever a realidade.

Sendo assim, o primeiro exemplo dado, do termo *greenhouse effect*, já deveria ter nos alertado, de acordo com os autores, quanto à predominância do segundo ponto de vista, o qual usa o prisma da construção da realidade. Pela análise deste termo, podemos ver realidades que são trazidas à existência, ou seja, realidades que se tornam disponíveis à atenção humana e, em algumas instâncias, têm seus limites definidos, delimitados e fixados por práticas linguísticas. Outros exemplos de termos que demonstram a mesma predominância são *ozone hole*, *animal rights* e *acid rain*.

Em casos como o do termo *acid rain*, os autores explicitam que não significa que “os fenômenos só ocorrem, pois possuem palavras que os trouxeram ao plano de existência” (tradução livre), ou seja, a chuva não é acida somente porque existe um termo para ela. O que acontece é que a própria escolha de um novo item lexical enquadra, suprime e dá destaque a certos aspectos perceptíveis do fenômeno.

Somado a isso, uma vez que o termo é criado como um substantivo, ele pode se tornar um agente casual em uma cadeia mal compreendida e mal controlada de eventos assumidos ou presumidos, ou seja, ele pode assumir um determinado valor ou significado na mente coletiva dos usuários da língua que não era o seu valor ou significado inicialmente pretendido, mas que foi adotado a partir do uso indiscriminado e incontrolado do termo em contextos, tempos ou mesmo usos errôneos.

Harré, Brockmeier e Mühlhäusler dão destaque ao fato de que é importante lembrar que rótulos tais quais *acid rain* não são descritores, explicações ou causas, mas somente um construto linguístico. A criação de tais termos por meio do prisma da construção de realidades não possui nenhuma garantia de que irá, realmente, trazer um novo aspecto da realidade para os falantes da língua. Às vezes, uma nova perspectiva liderada pela língua falha em revelar um novo aspecto da realidade simplesmente porque não havia tal aspecto para ser revelado.

Contudo, só porque certo aspecto não efetivamente existia, não devemos nos fechar para a possibilidade de poderem existir vários outros aspectos que venham a se tornar disponíveis para os humanos.

2.2.2.1.3 Semelhança de família ou essências semânticas?

Em *Greenspeak*, assim como em outros agrupados de dialetos, é possível achar palavras específicas que são utilizadas em diversos contextos e de modos aparentemente incompatíveis. Harré, Brockmeier e Mühlhäusler (1999, p.37) citam Ludwig Wittgenstein (*Philosophical Investigations*, 1953) ao mencionarem que, apesar disso, não se deve cair na “falácia” do “existencialismo semântico”, ou seja, de pensar que, por ser a mesma palavra sendo usada em diversos contextos e de diversas maneiras, deve existir alguma essência semântica ou significado em comum escondida entre todos eles, o qual explicaria o uso da mesma palavra em tantos contextos diferentes.

Ao contrário de uma crença em essências linguísticas e semânticas, os autores seguem o raciocínio de Wittgenstein e defendem que, em muitos casos, o que acontece é que o campo de uso de uma expressão comum, a qual é utilizada em diversos contextos e modos diferentes, se mantêm conectado por meio de ligações feitas entre as semelhanças e diferenças existentes em seus usos. Através dessas semelhanças e diferenças em uso, é possível conectar palavras inseridas em determinadas seções do campo com outras palavras localizadas em seções diferentes do mesmo campo de uso, mesmo que entre elas não aja quase nenhuma coisa em comum.

O exemplo de Wittgenstein para este raciocínio é o caso da palavra *game*, no qual ele lista diversos usos desse termo, dando destaque aos complexos padrões de semelhança e diferenças que são formados por entre os usos, conectando-os apesar de sermos capazes de notar que alguns dos usos conectados não possuem quase qualquer tipo de semelhança entre si.

Já no caso da *Greenspeak*, Harré, Brockmeier e Mühlhäusler (1999, p.38) usam como exemplo as palavras *nature* e *natural*, afirmando que, ao se tentar entender a variedade de significados que uma determinada expressão pode ter, é útil procurar o que ou qual significado, em cada contexto de uso, o usuário da língua está tentando excluir. Eles se utilizam desse método para distinguir diversos dos sentidos dados às palavras *nature* e *natural*

em *Greenspeak*, sentidos, esses, que são formados a partir de contrastes estabelecidos a ambas as palavras, quer esses contrastes estejam explícitos ou implícitos.

Dentre os sentidos exemplificados por Harré, Brockmeier e Mühlhäusler, nós encontramos os vistos nos contrastes entre “*the natural and the artificial*”, “*the organic and inorganic*”, “*the rural and the urban*” e “*the wilderness and the peopled*”. Em “*the natural and the artificial*”, nós vemos o contraste entre o natural e o artificial - construído pelos seres humanos.

Contudo, esse contraste recebe diferentes valorações, de acordo com o contexto no qual ele está inserido. “Natural” tende a receber preferência ao invés de “artificial” quando o “artificial” indica algo alienígena ou imposto a coisas que seres humanos fazem sem refletir ou de forma “natural”. No mesmo sentido, temos o “natural” que expressa a ideia de algo espontâneo e intuitivo, o qual é superior ao que é trabalhoso, falso ou formal. Em ambos os casos temos valorações positivas dos termos *natural* e *nature*.

É possível termos a valoração oposta dos mesmos dois termos se olharmos o mesmo contexto por outra perspectiva. *Nature* e *natural* passam a ter valorações e conotações negativas se olhadas pelo prisma de que *nature* provê o material cru que deve ser trabalhado e transformado pelos esforços das “pessoas civilizadas”.

Os autores chamam atenção para o fato de que a oposição básica entre *nature* e *natural* e *artificial* não é uma dicotomia, uma vez que existem diversos objetos em nossa civilização que são indeterminados, não se encaixando como natural e nem como artificial, como é o caso de fazendas e jardins. No caso de ambos fazenda e jardim, sua classificação como algo natural ou artificial depende do uso que o usuário faz da ideia de “fazenda” e “jardim” em seu discurso presente.

Podemos ver o contraste no exemplo de jardim ao observarmos que “jardins naturais” não eram nada mais que falsos simulacros do que era considerado “selvagem”, enquanto os “jardins formais” e mais admirados expressavam o conceito que os seres humanos possuíam do que é a natureza e o “natural” domesticado de acordo com os usos da e para a humanidade.

Em “*the organic and the inorganic*”, *nature* e *natural* são, também, contrastados a um “oposto”. Aqui, *Nature* é usado para se referir às partes orgânicas do mundo e, mais uma vez, vamos ter valorações opostas dependendo do contexto e da perspectiva nos quais o termo está sendo usado. Sob um dos prismas, a valoração de *natural* e *nature* é negativa, onde o natural

ou orgânico é visto como algo bagunçado, mal cheiroso e sujeito a apodrecimento, enquanto o inorgânico é visto como algo puro, limpo e elegante. Humanos preferem cristais – inorgânico - a centopeias - orgânico.

Contudo, sob o outro prisma, no qual *natural* e *nature* possuem uma valoração positiva, temos o natural ou orgânico como algo que possui calor, que respira e que é humano - no sentido de possuir qualidades humanas e não de ser um ser humano -, enquanto o inorgânico é visto como algo frio e morto. Neste caso, novamente, temos também objetos indeterminados, como montanhas, rios e pores-do-sol, os quais são inorgânicos, mas podem receber a valoração de algo admirável ou sombrio e sem-vida, dependendo do contexto que os cerca.

No terceiro contraste, “*the rural and the urban*”, *nature* e *natural* são igualados a tudo que é rural e colocados em oposição a tudo que é urbano. Em um dos documentos examinados por Harré, Brockmeier e Mühlhäusler, eles dizem ter achado referência à identificação do que é natural com a vida simples em uma vila – *village* - e o contraste disso com a vida na cidade, vista como não natural e, logo, merecedora de menor valor. A ambiguidade ou indeterminação deste cenário recai sobre características como parques nas cidades e outras que identifiquem “*the country in the town*” (o campo na cidade).

No quarto exemplo, “*the wilderness and the peopled*”, *nature* e *natural* são equiparados com *wilderness*, o mundo sem seres humanos, qualquer tipo de região inabitada (por seres humanos). Os autores mencionam que este contraste é de certa forma um amálgama dos três contrastes anteriores. A *wilderness* é algo que não é artificial, não é criada por seres humanos, não é inorgânica e não é urbana.

Uma das possíveis variações desse quarto contraste nos dá a concepção de *wildlife*, a qual é autossustentável e não precisa de nenhuma forma de gestão humana, contrastando-a com as plantas e animais domesticados. Nessa variação também encontramos valorações contrastantes, como a encontrada, pelos autores, em um caso controverso em Delaware, onde a preservação e proteção da costa leste do estado estavam recebendo a oposição de um grupo cujo argumento era que aquela paisagem não era realmente natural ou “selvagem”, pois ela havia passado por milhares de anos de transformação nas mãos dos povos indígenas que ali viveram e, por tanto, não precisava ser preservada.

Ao final, é fácil observar como a invocação do conceito *nature*, de forma explícita em *Greenspeak* e implícita em boa parte da iconografia influenciada pelo discurso “verde”, é marcadamente multivocal, ou seja, possui múltiplas vozes e significados, e dependente do contexto no qual o discurso sendo emitido está inserido. Harré, Brockmeier e Mühlhäusler afirmam que ao buscarmos entender o uso diverso da palavra *nature* é necessário que tomemos o aviso de Wittgenstein como regra e compreendamos que não existe uma essência escondida que explique todos os jeitos e formas em que usamos as palavras *nature* e *natural*. Não existe uma única coisa que seja a Natureza.

2.2.2.1.4 Estrutura da língua

Não só o vocabulário, mas também a gramática de uma língua permite alguns e obstrui outros desenvolvimentos discursivos relevantes para a apreciação das questões ambientais. Sendo assim, saímos, agora, do campo do léxico e seguimos os autores para o campo da estrutura da língua.

Harré, Brockmeier e Mühlhäusler afirmam que a gramática de uma língua pode possuir um papel tanto nos modos de pensar que facilitem a língua quanto nos modos de pensar que a constriam e que é possível ilustrar ambos os casos com o exemplo do repertório de pronomes disponíveis aos usuários de uma determinada língua.

A relação entre os humanos e o ambiente natural à sua volta pode ser vista a partir de uma quantidade de metáforas básicas, duas das quais são opostas uma à outra, sendo: a) controle e b) cooperação e interdependência. Os autores mencionam Alfred Crosby em seu livro *Ecological Imperialism*, de 1986, no qual ele comenta sobre a diferença entre as tribos do oeste da Europa e uma tribo indígena americana, as primeiras tendo domesticado e, logo, controlado uma grande quantidade de animais e os segundos tendo deixado animais bastante similares “descontrolados” e não domesticados, e como ambas as táticas se refletiram nas respectivas línguas.

A explicação provida por Crosby é fundamentada em uma tese cuja base gira ao redor de diferentes metáforas sendo usadas por cada grupo cultural, ao invés de ao redor de diferentes condições físicas para cada grupo cultural. Contudo, segundo Harré, Brockmeier e Mühlhäusler, existe um aspecto ainda mais profundo na distinção entre as posturas de cada grupo. Tal aspecto se encontra nas gramáticas pronominais das línguas.

“Controle” é codificado tipicamente por meio de pronomes possessivos especiais. Como Mühlhäusler e Harré discutem em seu livro *Pronouns and People*, de 1991, pode haver consequências consideráveis para uma língua que possui pronomes possessivos diferentes. Como exemplo, Harré, Brockmeier e Mühlhäusler usam a língua *Barrai* da Papua Nova Guiné, a qual faz a distinção entre três tipos de controle, dentre os quais o terceiro tipo é o controle encontrado entre marido e mulher, a dependência mútua.

Em *Barrai*, a relação de controle estabelecida entre humano e território é a mesma que a estabelecida entre marido e mulher, de dependência mútua. Para a língua *Barrai* e seus usuários, assim como várias outras culturas, não existe o conceito de propriedade e posse sobre a terra e território, mas sim o conceito de dependência mútua. Para eles, ser dono de um território é um conceito alienígena. Ao examinar esse exemplo, os autores afirmam que é fácil perceber a diferença entre os refinamentos disponíveis aos falantes de *Barrai* e a posse genérica expressa no possessivo do inglês *my*.

Controle também é proximamente relacionado a causalidade. Enquanto na maioria das línguas européias *SAE* (*Standard Average European*) é possível encontrar um sistema de expressões causais altamente desenvolvido, outros grupos de línguas possuem uma menor quantidade ou até mesmo nenhuma expressão causal explícita. Em muitos casos, isso expressa uma relação mais holística ao invés de manipulativa entre as pessoas e o ambiente que as cercam.

Como exemplo, os autores mencionam o *Wintu*, uma língua indígena americana na qual é impossível expressar ideias como “engordar um porco”, “criar pombos”, “fertilizar o solo”, ou “direcionar um rio”, pois os meios linguísticos necessários para expressar conceitos tão causativos quanto esses são ausentes na língua.

Por meio do uso da comparação entre o inglês e as línguas *SAE* com línguas de outras regiões, os autores dão destaque a algumas das possíveis maneiras pelas quais a sintaxe de uma língua pode obstruir pensamentos claros e a como é possível existir recursos linguísticos mais refinados do que aqueles que utilizamos no inglês.

Por fim, os autores nos trazem à última adequação mencionada, a adequação ambiental. A adequação ambiental não é uma adequação independente como as outras, mas sim o tipo de adequação que é atingida uma vez que se cumpre, satisfatoriamente, as outras

três adequações básicas requeridas para o estabelecimento de discursos cujo tópico é ambiental.

Logo, se um discurso cumpre os requerimentos para se classificar como adequado referencial, sistemática e socialmente, ele será, provavelmente, também ambientalmente adequado, podendo, assim, forjar e aprimorar um conjunto de ferramentas para discutir e facilitar a gestão de nossas vidas em relação ao mundo. Lembrando que ambientalmente adequado se refere a ser adequado ao ambiente no qual a língua está inserida de forma geral e não especificamente ao meio ambiente e à Natureza. Ou seja, um discurso ambientalmente adequado não é, automaticamente, um discurso ecologicamente adequado.

Por fim, devido à ausência de meios linguísticos adequados para se falar e discutir sobre diversos aspectos do ambientalismo e sobre a relação entre natureza e cultura no geral, é de se esperar que apareça uma certa quantidade de contrastes falsos, debates irracionais e desinformados. Com as análises que vimos neste tópico, Harré, Brockmeier e Mühlhäusler esperam construir uma base para debates mais informados e trazer maior atenção a questões e problemas que têm sido ignorados nas áreas de discursos ambiental, linguístico, cultural e filosófico, devido ao simples fato de que a língua dominante, a língua inglesa, e a teoria linguística dominante dividida por diversas pessoas “normais” não possuem lugares para tais questões.

2.2.2.2 O Poder da metáfora

De acordo com Mark Meisner, em seu artigo “*Metaphors of nature: Old vinegar in new bottles?*”, de 1995, os seres humanos vivem em dois mundos fundamentais e inter-relacionados: o mundo da Natureza e o mundo das palavras. Meisner defende que ambos os mundos são centrais para que sejamos capazes de compreendermos a nós mesmos e a como vivemos, pois nós, como seres humanos, somos, em sentidos diferentes, ambos criados por estes dois mundos e criadores de sentidos com eles.

Uma das mais difundidas hipóteses sobre as línguas afirma que línguas são conjuntos de símbolos neutros e não ambíguos usados para representar o mundo, do qual tais conjuntos seriam independentes. Ou seja, as palavras que usamos equivalem a coisas e eventos no mundo e os jeitos em que arranjam estas palavras equivalem a como estas coisas e eventos se relacionam um com o outro.

Contudo, as línguas, na verdade, carregam em si, seja de forma explícita ou implícita, valores, modos e pontos de vista que diferem de acordo com o contexto na qual elas se inserem; elas possuem interpretações contraditórias e significados incertos; e são intimamente relacionadas com como nós experienciamos e damos significado ao mundo. A(s) língua(s) e o modo como alguém enxerga o mundo afetam um ao outro em um processo contínuo de percepção, construção, articulação, reprodução, e legitimação de ideologias (MEISNER, 1995, p.11).

Durante o progresso da história do conhecimento, sempre que houve uma tentativa de se expandir o horizonte do conhecimento humano houve também modificações nas línguas, como a criação de novas metáforas heurísticas, provindas a partir das novas experiências, descobertas, aprendizado, ou métodos para resolução de problemas, os quais fazem parte do processo de se adquirir novo conhecimento (HARRÉ; BROCKMEIER; MÜHLHÄUSLER, 1999, p.92).

Apesar de Meisner afirmar que, enquanto a língua abriu os humanos para o mundo, provendo-nos com uma melhor experiência da Natureza como um todo, ela também foi responsável por ter, aos poucos, fechado a Natureza para nós ao reificá-la, podemos afirmar que o discurso ambiental não é nenhuma exceção ao padrão existente por entre os processos de procura pela expansão de conhecimento e que também produziu sua justa quantidade de novas metáforas (HARRÉ; BROCKMEIER; MÜHLHÄUSLER, 1999, p.92).

Esse processo de aparecimento de metáforas tem estado sujeito a duas interpretações conflitantes entre si: a que diz que a metáfora é uma ferramenta temporária e conveniente, a qual, se habilidosamente utilizada, revelará realidades objetivas; e a que diz que todos os nossos mundos e realidades são construídos por nossas práticas linguísticas e sociais ou, em outras palavras, que todas as nossas percepções são construídas por tais práticas (HARRÉ; BROCKMEIER; MÜHLHÄUSLER, 1999, p.92).

Em ambos os posicionamentos, existe a necessidade de se examinar o papel da metáfora. Com isso em mente, Harré, Brockmeier e Mühlhäusler começam esta análise baseando-se em escritos sobre metáforas e meio ambiente. O argumento central dos autores gira em torno da tese de que os limites estabelecidos entre o uso literal da língua e seu uso metafórico são específicos para cada grupo e cultura; tese, esta, desenvolvida por Mühlhäusler em seu artigo *Towards an explanatory theory of metaphor*, de 1985.

Sob este ponto de vista, a noção de significado literal perde seu status como representação direta da verdade universal e passa a ser vista como significados que uma cultura concorda em ver como corretos em um certo ponto no tempo e em uma certa troca comunicativa. Os autores destacam que é importante notar que, de acordo com este ponto de vista, o limite entre o que é literalmente verdade e o que não o é pode variar enormemente de época em época e de cultura para cultura.

Como exemplos, os autores utilizam as expressões *language family* para a linguística e *plant community* para a biologia, ambas as quais apareceram, inicialmente, como metáforas, mas, com o passar do tempo, passaram a ser aceitas, em suas respectivas áreas, como conceitos literais utilizados para se referir a tipos reais e naturais. Assim como, enquanto para grandes porções da sociedade, chamar alguém de porco é uma metáfora pejorativa, em uma comunidade na Papua Nova Guiné, dizer que humanos e porcos possuem um parentesco próximo ou que humanos são porcos disfarçados é, na verdade, visto como a afirmação de um fato.

Harré, Brockmeier e Mühlhäusler afirmam que os símbolos linguísticos, tais como os termos *community* e *family*, têm sido tradicionalmente tratados como itens capazes de caracterização semântica definitiva, ou seja, caracterização como unidades descontextualizadas. Entretanto, a interpretação de construções linguísticas, como, por exemplo, “seres humanos e primatas são aparentados”, é dependente da acreditação do usuário que a profere.

No caso do exemplo utilizado, a declaração, se provinda de um cientista, possuirá uma valoração diferente do que se ela tiver vindo de alguém que simplesmente quer comer banana ou de uma Testemunha de Jeová rejeitando a biologia científica. Em outras palavras, a definição do status de uma construção linguística como literal ou metafórica, depende de fatores contextuais.

Quando não há conflito quanto à acreditação de uma declaração, por exemplo, como quando esta é proferida entre dois cientistas que partilham da mesma convicção, a construção linguística é tomada ou interpretada como uma descrição literal. Porém, quando há conflito quanto à acreditação de uma declaração, como, por exemplo, quando esta é proferida entre um Cristão fundamentalista e um biólogo evolucionário, a construção linguística é tomada ou interpretada metaforicamente (HARRÉ; BROCKMEIER; MÜHLHÄUSLER, 1999, p.93).

Contudo, segundo Meisner, sempre há a possibilidade de casos extremos, que não se encaixam nos parâmetros citados acima, onde a metáfora acaba por “gerar” a realidade, devido ao molde perceptual que metáforas tendem a criar ao destacarem certas perspectivas e aspectos e bloquearem outros, principalmente aqueles que são (aparentemente) incompatíveis com a metáfora escolhida. Assim, o que pode acontecer é que, por condicionar nosso modo de ver algo, a metáfora pode ser tomada como a verdade completa sobre esse algo, fazendo com que, em alguns casos, ela deixe de ser percebida como metáfora e se torne literalizada, criando uma verdade literal em nossas mentes. Infelizmente, Meisner afirma que tal processo é um ponto extremamente familiar com o pensamento ambiental.

2.2.2.2.1 Metáforas para a Natureza e o meio ambiente

Pensar, falar e escrever sobre questões ambientais utiliza, assim como em outros gêneros de cognição, uma grande variedade de metáforas. Para Meisner, a metáfora é provavelmente o aspecto mais importante da língua com respeito à nossa visão da Natureza e de como vivemos em relação a ela.

Harré, Brockmeier e Mühlhäusler concordam com o ponto de vista de Meisner e ratificam que, no campo do discurso ambiental, as metáforas têm estado presentes nas línguas humanas durante os últimos mil anos. Para exemplificar esta afirmação, os três autores citam William Mills, em seu artigo *Metaphorical vision: Changes in Western attitudes to the environment*, de 1982, onde ele identifica três das metáforas centrais da natureza pelas quais as sociedades ocidentais têm vivido pelos últimos mil anos e as quais definiram estágios distintos no desenvolvimento do pensamento ocidental desde a Idade Média.

A primeira metáfora corresponde ao estágio da Idade Média, na qual a natureza era vista como um livro escrito por Deus; a segunda metáfora corresponde ao período da Renascença, durante o qual a natureza era vista como um reflexo do corpo humano – o microcosmo do corpo humano correspondendo ao macrocosmo da natureza; o terceiro estágio corresponde ao período do Iluminismo em diante, durante o qual o mundo é visto como uma máquina: primeiro, como um relógio, depois como um tipo de máquina a vapor e, mais recentemente, como um computador.

Não só essas metáforas guiavam o comportamento diário das pessoas em seus respectivos períodos, como elas foram sistematizadas e formalizadas como teorias e princípios orientadores para se lidar com a natureza. Para a primeira metáfora, o livro da

natureza, uma das ideias centrais é a pressuposição de seu autor divino. A Natureza, assim como a bíblia, foi dada à humanidade como um meio de instrução e a principal tarefa para os humanos era descobrir o significado de todos os símbolos neste livro, mas nunca reescrevê-lo ou tentar melhorá-lo. A segunda ideia central dessa metáfora é a de que tanto a bíblia quanto o livro da natureza foram escritos para a humanidade, provendo-o com coisas disponíveis para sua sobrevivência.

Na segunda, a relação microcosmo/macrocossmo é resultado da sistematização que a Renascença aplicou a conceitos do pensamento pré-científico, tais como o animismo, a ideia de que animais, plantas, objetos, lugares e fenômenos, todos possuem almas e estão vivos. Ao contrário das que a precederam, as quais encorajavam uma compreensão passiva, a metáfora da natureza-como-corpo gerou metáforas auxiliares para cura, melhoria e controle. Como Mills (1982) diz, essa metáfora traz a ideia de que “para conhecer o mundo as pessoas têm somente que conhecer a si mesmas, e para mudá-lo, mudar a si mesmas” (tradução livre).

A terceira metáfora vem com uma quebra de padrão. As metáforas anteriores eram dádivas, cuja natureza essencial não podia ser alterada. Com a terceira metáfora, entra em cena a máquina, algo que pode ser inventado, refinado e manipulado para transcender as limitações existentes. Esta metáfora que chega com o Iluminismo vê a natureza como um material base que pode ser modificado para ser o que quer que a mente humana queira que ele seja. Ela sugere a legitimidade, e até mesmo a desejabilidade, de se controlar a natureza e, conseqüentemente, traz consigo um ambiente propício e acolhedor para o conceito de progresso, com sua manifestação no surgimento de máquinas cada vez mais sofisticadas.

Meisner defende que todas as metáforas da natureza atualmente existentes possuem falhas severas e que essas falhas afetam nossos julgamentos para com a Natureza de forma negativa. Tais metáforas não só influenciam nosso jeito de pensar, uma vez que carregam sugestões cognitivas, com o processo de literalização e criação de ‘novas’ realidades, como também evocam, transmitem ou conduzem sentimentos e valores arraigados nas imagens que elas evocam em nossas mentes, a partir de nossos contextos culturais, históricos e sociais.

Com o fato de que metáforas funcionam tanto cognitivamente quanto emocionalmente, influenciando-nos tanto por meio de nossas mentes quanto por meio de nossas emoções, é possível analisar e julgar a adequação de uma metáfora, no sentido de esta ser o mais próxima da realidade o possível. Apesar dos específicos de uma análise

dependerem dos objetivos dessa análise e do contexto no qual ela se encontra, existem linhas gerais de análise que podem ser aplicadas a qualquer metáfora.

Dessas linhas gerais de análise, Meisner define três linhas principais. A primeira seria sobre qual o tipo de relacionamento conceitual a metáfora sugere tanto para a organização interna da Natureza, quanto para o lugar específico que humanos ocupam na Natureza ou em relação a ela. Ou seja, por exemplo, a metáfora constrói a Natureza como um todo integrado, como uma simples junção de partes ou como ambos? Em outras palavras, o quão reducionista é a metáfora.

Uma segunda parte dessa primeira linha é como os seres humanos são vistos na metáfora, se eles são vistos como parte da Natureza ou se são vistos como algo separado dela. Em outras palavras, se a metáfora é uma metáfora dualística. Ligada a esta segunda parte, Meisner menciona que outra característica importante de ser avaliada é o potencial da metáfora de reificar (transformar algo abstrato em algo concreto e material, dando-lhe conteúdo e aspectos que não lhe são necessariamente próprios, mas sim, derivados da perspectiva pela qual este algo está sendo visto) ou “recursificar” (ver somente como recurso) a Natureza.

A segunda linha gira em torno do tipo de sentimentos que a metáfora invoca. Como, por exemplo, se ela traz a sugestão de uma atitude positiva e apreciativa ou se ela leva a pessoa a sentimentos de indiferença ou medo. Nesta segunda linha, metáforas que invoquem e gerem sentimentos positivos com relação à Natureza seriam mais apropriadas e adequadas do que as que invocassem sentimentos negativos ou de indiferença.

Já a terceira linha de análise é focada na probabilidade da metáfora vir a ser transformada em algo literal, sendo que metáforas com menor probabilidade de literalização seriam mais apropriadas do que aquelas que fossem facilmente reificadas.

Com isso explanado, Meisner então expõe algumas de suas análises. A primeira metáfora a ser analisada é a que compara a Natureza a nossa casa ou lar, “*Nature as our home*”. Essa metáfora é uma imagem evocativa que é frequentemente usada de forma direta em afirmações e argumentações que dizem que devemos tratar a Natureza como nossa casa e que está implícita na palavra “ecologia/ecology/” - “*oikos*” - e seus derivados.

Segundo o autor, a metáfora em questão tem valores misturados. Ela pode trazer consigo a conotação de uma ética de cuidado e apreciação, pois, ao reconhecermos a terra como nossa casa, podemos nos tornar mais dispostos a tratá-la com cuidado, carinho e respeito. Além disso, em um nível cognitivo ela expressa uma verdade parcial, já que a Natureza é onde vivemos.

Entretanto, existe uma diferença entre se sentir em casa (possuir um sentimento ou sensação de pertencimento, de lugar, de possuir raízes) em sua comunidade ou na Natureza e se sentir em *sua* casa. A imagem dominante de casa ou lar em nossa sociedade é a do objeto ou lugar em si, uma casa ou apartamento, e nem todo mundo se incomoda em cuidar de ou limpar sua própria casa.

Além disso, esta é potencialmente uma metáfora antropocêntrica, pois sugere que os seres humanos são os donos da Terra, já que a Natureza Casa - *Nature Home* - é onde os *humanos* vivem, excluindo qualquer outra forma de vida. E se a Natureza é *nossa* casa, então, presumivelmente, podemos fazer o que quisermos com ela. Discutivelmente, a remodelação e redecoreação já estão em processo, o que torna as dimensões “recursionistas” da metáfora evidentes.

Seguindo o mesmo raciocínio, a metáfora em questão é também dualística e reificante, uma vez que constrói a ideia da Natureza como uma estrutura física dentro da qual os seres humanos residem e não algo do qual os próprios seres humanos fazem parte e o qual constituem parcialmente. A metáfora “*Nature as our home*”, também possui uma alta probabilidade de ser literalizada; o raciocínio de que “casa ou lar é onde vivemos e a Natureza também o é” é uma realidade muito fácil de ser aceita.

Por fim, a noção da Natureza como nossa casa pode estar relacionada com o problema da crescente domesticação da Natureza por nós humanos. Nossa casa é um lugar domado e domesticado e o próprio verbo “domesticar” quer dizer “trazer para dentro de casa”. Logo, se toda a Natureza é nossa casa, toda a Natureza passara a ser manejada e domesticada? (Meisner, 1995, p.14)

A próxima metáfora a ser analisada por Meisner é a da Natureza como ser vivo - *Nature as a living being*. Tal metáfora pode ser vista em frases tais como “*healthy ecosystems*” – ecossistemas saudáveis -, “*face of the Earth*” – cara ou rosto do planeta -, “*poisoning the environment*” – envenenando o meio ambiente – “*killing the world*” – matando

o mundo -, “*violence against the Earth*” – violência contra a Terra -, “*cause the biosphere harm*” – causar mal à biosfera -, “*healing the Earth*” – curando a Terra -, “*the death of Nature*” – a morte da Natureza.

É uma metáfora atraente, mas não uma caracterização aparente; muito dela se esconde abaixo da superfície de nossa consideração consciente. Ou seja, muitas das conexões de significado e valores que essa metáfora nos traz em sua imagem acabam por não serem registradas em nossa mente conscientemente, mas subconscientemente, quase como uma mensagem subliminar.

Analisando-a podemos identificá-la como uma metáfora evocativa e não reificante, mas que não nos dá uma imagem clara do lugar que os seres humanos ocupam na Natureza. Em sua pior interpretação, ela pode acabar por nos levar a presunções como “*humans as the brain of Nature*” – humanos como o *cérebro* da Natureza -, tornando-a uma metáfora decididamente antropocêntrica e “recursifista”.

Além disso, *Nature as a living being* pode ser vista como uma entidade separada dos seres humanos, tornando-a uma imagem dualística. Ainda pior, dado o atual estado de como os seres humanos têm tratado seus iguais e a grande maioria dos outros seres vivos, não há a menor garantia de que trazer a visão da Natureza como um ser vivo vá, realmente, encorajar as pessoas a agirem de modo menos violento e mais respeitoso e cuidadoso em suas relações com o resto da Natureza.

Contudo, Meisner traz a observação importante de que, talvez, o horrível tratamento que o ser humano, enquanto espécie, dá aos outros seres vivos ao seu redor esteja conectado ao fato de que, para os humanos, as outras formas de vida já são vistas e entendidas como “não-vidas”.

Meisner traz, então, uma metáfora de Warwick Fox, que, ao ser analisada, parece ter uma maior adequação do que as vistas anteriormente, a metáfora *Nature as a tree* – a Natureza como uma árvore. *Nature as a tree* traz uma imagem orgânica familiar, uma que Fox utiliza para caracterizar como ele vê os seres humanos em relação aos outros seres da Natureza e em relação à Natureza como um todo. Cada ser vivo seria uma folha na árvore da Natureza, sempre ligados às outras folhas, constituindo toda a árvore, mas, ao mesmo tempo, mantendo nossas próprias identidades individuais. Nenhuma entidade em particular é mais importante do que a outra. Todas possuem a mesma importância, estão no mesmo nível.

A metáfora sugere as ideias de nutrição e cuidado, de impermanência e de mudança. Além disso, os seres humanos parecem ter uma afinidade por árvores, e não só como recursos, então a imagética da árvore é particularmente evocativa e familiar. Em adição, tal imagem é improvável de ser literalizada, fazendo com que, como um todo, a metáfora seja convincente e, aparentemente, bastante adequada e apropriada. Talvez um pouco imóvel, mas Meisner diz que isso pode ser uma função de sua própria percepção de árvores em comparação com a habilidade de se mover que outros seres vivos possuem.

Por fim, Meisner expõe quais seriam, para ele, as características necessárias para se sanar o vazio existente entre a língua inglesa, os termos e metáforas existentes e o modo de ver e nos relacionarmos com a Natureza que precisamos alcançar. O autor diz que é necessário criarmos uma nova língua, a qual possua uma sensibilidade ecocêntrica e seja capaz de criar as novas metáforas que precisamos. Tais metáforas precisam ser evocativamente poderosas e cognitivamente práticas; elas precisam evocar sentimentos positivos sobre e com relação à Natureza; assim como sugerir uma concepção que nos traga as ideias de humildade, respeito e uma maneira de viver que não seja exploratória.

Além disso, tais metáforas precisam ser improváveis de serem literalizadas, assim como também devem ser flexíveis e passíveis de serem adaptadas a jeitos individuais de se ver o mundo e pensar. Infelizmente, a maioria das metáforas alternativas que têm surgido até então parecem se encaixar em certas dimensões do jeito antropocêntrico e “recursifista” de se ver a Natureza, mesmo que tenham melhorado em outras características. A procura por melhores metáforas da Natureza é uma missão ainda em progresso (MEISNER, 1995, p.16).

2.3 Análise

Para aplicar a pesquisa exposta acima, foram selecionados três exemplos de discursos ambientais, sendo o primeiro o discurso proferido pelo presidente da França, Emmanuel Macron, no lançamento oficial do *Global Pact for the Environment*, durante a 72ª Assembleia Geral da ONU, em Nova York, na data de 19 de setembro de 2017; o segundo discurso selecionado é uma declaração feita pelo primeiro-ministro do Canadá, Justin Trudeau, no dia do Meio Ambiente de 2018; o terceiro discurso selecionado foi um discurso feito pelo, então candidato a Primeiro-Ministro do Canadá, Justin Trudeau, sobre suas propostas ambientais e econômicas durante sua campanha, em 2015.

Foram selecionados 37 itens entre os três discursos, entre termos e metáforas. Em seguida analisaremos os termos e metáforas encontrados de acordo com a pesquisa exposta na parte teórica deste trabalho. Os termos ou metáforas cuja classificação e análise forem iguais ou similares serão colocados juntos, para evitar repetições desnecessárias.

- “*protecting nature*”/ “*protecting the planet*”/ “*protect the environment*”: a metáfora de “proteger”, seja a Natureza, o planeta ou o meio ambiente, traz consigo a ideia da Natureza - /planeta/meio ambiente – como ser vivo – *Nature as a living being*. Além disso, evoca, também, o sentimento de que a Natureza é um ser vivo indefeso, quase como uma criança, e que nós somos os “guardiões” dela, quase como os pais da criança. Ela evoca uma sensação de responsabilidade, mas também de propriedade, um sentimento de “preciso proteger porque é meu e é indefeso”. Logo, a metáfora é também dualística, separando os humanos da Natureza, e antropocêntrica, “nós somos os guardiões”.
- “*battle*”/ “*fight – fight against*”: a metáfora de batalha, luta, guerra, é uma metáfora altamente antropocêntrica - de novo com a ideia de que nós somos os guardiões, os protetores -, assim como dualística – nós estamos lutando a batalha para proteger a Natureza de um “inimigo”, nós a protegemos, mas não estamos envolvidos ou somos parte do problema. Além disso, evoca sentimentos de violência, agressividade e a “busca por um inimigo”, a qual nos retira do nosso papel de responsabilidade como causadores de todos os problemas que nos assolam na atualidade.
- “*the fight against deforestation*”: aqui, temos as mesmas características encontradas nas metáforas acima, com o adicional de que a “busca por um inimigo” não mais existe, pois há um inimigo, o desmatamento. Contudo, novamente, nós, humanos, somos colocados tanto no lugar de protetores quanto de vítimas ou de “participantes imparciais”. É tirado de nós o peso e responsabilidade de sermos os causadores do desmatamento. No ponto de vista da presente metáfora, o desmatamento é o inimigo por si só, não há causadores deste desmatamento ou, se há, definitivamente não somos nós humanos.
- “*pollution*”/ “*soil pollution*”/ “*air pollution*”/ “*plastic pollution*”/ “*carbon pollution*”: *pollution*, como dito nos capítulos teóricos, é um termo que sofre de vaguidade semântica. Não é possível dar um conceito exato para *pollution* e,

com isso, o termo fica aberto a diversas interpretações diferentes, de acordo com o ponto de vista utilizado, tornando-o um termo perigoso de ser usado, pois sempre há a possibilidade dele ser entendido para mais, para menos ou de forma completamente diferente do que o emissor do termo pretendia.

- “*safeguarding of the oceans and polar regions*”/ “*safeguard the environment for the generations to come*”/ “*if we want them to inherit clean air to breathe, clean water to drink*”: Apesar de parecerem diferentes, as três metáforas aqui citadas se encaixam nas mesmas características. Elas são dualísticas, reducionistas – separando a Natureza em partes –, “recursifistas” – veem a Natureza somente como provedora de recursos – e reificantes. As três evocam o sentimento, como as metáforas acima, de que nós somos os guardiões da Natureza, mas, ao mesmo tempo, olham para a Natureza como uma “coisa”, um algo que nos pertence e que devemos guardar bem o suficiente para que possa vir a pertencer aos que vierem depois de nós, para que eles também possam usar. Pelo ponto de vista dessas metáforas, a Natureza nada mais é do que algo que podemos usar e que é benéfico para nós e, por tal motivo, deve ser “protegida” para que nossos filhos possam, assim como nós, usufruir de tal objeto.
- “*the degradation of natural resources*”/ “*the degradation of the environment*”: Aqui, nós temos novamente a metáfora da “*Nature as a living being*” – a Natureza como um ser vivo, mas, desta vez, o sentimento evocado com o termo *degradation* é o de decomposição, podridão degradação, e a aproximação feita é com recursos, mais especificamente recursos perecíveis, tais como alimentos. Novamente, a percepção evocada ou trazida pela metáfora é a de que nós não somos parte deste ambiente que está se degradando, mas estamos assistindo-o se decompor, talvez, no máximo, nos preocupando com quais serão as consequências de tal evento para nós, humanos.
- “*global warming*”: Este é um termo derivado da metáfora “*greenhouse effect*”, a qual foi literalizada. Como consequência, o termo *global warming* é uma codificação enganosa, pois, na verdade, o efeito, ou consequência, do efeito estufa que ele descreve está super simplificado e erroneamente descrito. Este termo é referencialmente inadequado.
- “*the exhaustion of natural resources*”/ “*contaminates our rivers and oceans*”: Aqui, temos duas metáforas dualísticas, “recursifistas”, reducionistas,

reificantes e antropocêntricas. Ambas veem a Natureza como objetos ou recursos, a primeira evocando mais o entendimento e comparação com minerais e a segunda evocando uma comparação com alimentos ou roupas, coisas que estão, normalmente, ao nosso redor e que poderiam nos envenenar ou contaminar com algo. A primeira traz a preocupação com o término do suprimento de recursos ou coisas que nos são úteis e a segunda traz uma preocupação com como seremos afetados ou “infectados” se tais coisas que consumimos forem contaminadas.

- “*protect our planet*”/ “*protect the clean air and water we share*”/ “*protect our wildlife and our water*”: Similar à primeira análise, mas especialmente dualística, reificante e “recursifista”. Traz um sentimento dominante de possessividade, a Natureza pertence a nós; a água, o ar, os animais e plantas; tudo pertence a nós humanos. Altamente antropocêntrica, vê os seres humanos quase como deuses, possuidores de tudo o que há na Terra.
- “*clean growth*”/ “*clean tech*”/ “*more sustainable economy*”/ “*clean jobs*”: Temos aqui três termos referencialmente inadequados devido à vaguidade semântica: *clean*, *growth*, e *sustainable*, o que os torna, também, ambientalmente inadequados, uma vez que termos devem atender às três adequações para poderem ser ambientalmente adequados.
- “*improve the health of the world’s oceans*”/ “*our planet’s future.*”/ “*healthy environment*”: Aqui temos, novamente, a metáfora *Nature as a living being* e, novamente, também, a evocação de um sentimento quase paternal, vendo a Natureza como uma criança ou ser que precisa ser cuidado, nutrido. Novamente dualística e antropocêntrica, colocando o ser humano como guardião responsável pela saúde e futuro da Natureza e não como responsável pelos problemas que ela enfrenta.
- “*protecting the natural environment*”: Similar à primeira análise, mas especialmente dualística, separando não só humanos e Natureza, mas também os mundos nos quais eles habitam.
- “*when it comes to our environment [...]. We appreciate its beauty, understand its dangers and know its value.*”/ “*To make sure even more Canadian families get to enjoy our country’s natural beauty*”: Aqui temos uma metáfora que é, ao mesmo tempo, *Nature as a living being* e reificante. De novo, evoca-se o

sentimento de que a Natureza é algo submisso ou “abaixo” do ser humano, de alguma forma. Somos condescendentes para com ela, apreciando sua “beleza” somente pelo fato de que ela nos é útil, para acalmar, apreciar, “turistar” e etc.; a tratamos como uma besta feroz ao reconhecermos os perigos que ela pode representar para nós; e colocamos nela os valores provindos das coisas que dela tiramos e que melhor nos servem. Altamente antropocêntrica; a Natureza pertence a nós e sua valoração é definida pelo quão bem ela nos serve ou deixa de nos servir.

- *“our wealth comes from our land and water”/ “No country in the world had stronger assets”/ “our country’s beauty speaks for itself.”*: Altamente reificante, “recursifista” e antropocêntrica. A Natureza existe para nos server e prover, nada mais é do que algo para usarmos, nos enriquecermos e utilizarmos como bem entendermos.
- *“real action on climate change”*: *“real action”*, termo referencialmente inadequado devido a sua vaguidade semântica, sistematicamente inadequado, devido a dificuldade de decodificação e, logo, ambientalmente inadequado, por não ser capaz de se adequar aos dois anteriores.

3. CONCLUSÃO

Ao efetuarmos as análises e verificarmos os resultados encontrados, é possível chegar à conclusão de que tanto Harré, Brockmeier e Mühlhäusler quanto Meisner têm razão em suas avaliações de que a língua inglesa não possui os recursos necessários, ou, se possui, não sabe os utilizar, e não está preparada, do modo como é utilizada atualmente, para servir como instrumento para discussões e conversas bem-informadas e realmente válidas e com boas intenções sobre o meio ambiente e a Natureza.

Para que possamos ser capazes de perceber, ver e lidar com a Natureza da forma correta, é preciso que reinventemos a língua inglesa, seja criando novos recursos e instrumentos ou reposicionando e utilizando melhor os já existentes, e nossas próprias línguas, a fim de que ela possa ter a capacidade e recursos de criar metáforas que não distorçam o valor e percepção da Natureza, assim como prover termos melhores, melhor definidos e delineados, que encaixem em seus conceitos específicos.

Apesar de o presente trabalho ser, considerando a extensão e importância do assunto nele tratado, superficial, seus resultados são importantes para mostrar o quão envolvido o campo do conhecimento responsável por estudar línguas está na busca por resoluções e melhorias com relação às questões e problemas ambientais. E o quão é importante que tragamos este tópico para o centro de discussões de nossa área de conhecimento. Nosso tempo está acabando e precisamos fazer tudo o que podemos para impedir que levemos à extinção conosco todas as outras vidas existentes em nosso planeta.

O tópico trabalhado aqui não recebe atenção o suficiente em nosso campo de estudo e já está mais do que na hora que mudemos isso e trabalhemos com todo o nosso afinho para fazermos o que pudermos para ajudar a reverter a situação atual da Natureza e do planeta Terra, situação pela qual nós, seres humanos, somos inteiramente responsáveis.

Dá-se como sugestão dar prosseguimento ao estudo que se encontra neste trabalho, explorando as outras características citadas pelos autores e indo além, tentando elaborar melhorias e respostas para os problemas que são encontrados ao se analisar este tópico e tentando elaborar o que seria necessário nesta língua que precisamos desenvolver para que possamos melhor acomodar e discutir o meio ambiente e a Natureza.

Como seria uma língua não-antropocêntrica, que vê todas as vidas como iguais e possuindo os mesmos direitos, que nos coloca no mesmo patamar que todos os outros seres vivos e nos responsabiliza pelo que fizemos? Esta é a pergunta mais importante de ser respondida e desenvolvida neste exato momento de nossas vivências. A pergunta que segura a chave para que possamos mudar o jeito como vemos e lidamos com a Natureza e para que possamos consertar os erros que cometemos e que nos trouxeram a este ponto no tempo e na história da Terra: um desequilíbrio total nos sistemas terrestres, impactando todas as formas de vida aqui existentes e causando desastres tais como a sexta extinção em massa.

Bibliografia

BROWN, Gillian; YULE, George. **Discourse analysis**. Cambridge: Press Syndicate of the University Cambridge, 1985. 288 p.

COUTO, Hildo Honório do. **O que vem a ser ecolinguística, afinal?** Brasília, 2013. Disponível em: <
https://www.researchgate.net/publication/292486603_What_is_ecolinguistics_after_all>, acesso em 16 de novembro de 2018.

FRANCO, José Luiz de Andrade; SCHITTINI, Gilberto de Menezes; BRAZ, Vivian da Silva. História da conservação da natureza e das áreas protegidas: Panorama geral. **Historiae**, 6, 233-270, 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. 4. reimpr. São Paulo: Atlas, 2011. 216 p.

HARRÉ, Rom; BROCKMEIER, Jens; MÜHLHÄUSLER, Peter. **Greenspeak**: a study of environmental discourse. California: Sage publications, 1999.

HISTORY of climate change, the. **Live science**, 2007, Disponível em: <
<https://www.livescience.com/1292-history-climate-change-science.html>> . Acesso em: novembro de 2018.

MEISNER, Mark S. Metaphors of nature: old vinegar in new bottles?. **Trumpeter**, 12, 11-18. 1995.

REAL change: a new plan for Canada's environment and economy. **Liberal**, 2015. Disponível em: < <https://www.liberal.ca/realchange/real-change-a-new-plan-for-canadas-environment-and-economy/>>. Acesso em: outubro de 2018.

SPEECH by M. Emmanuel Macron, president of the republic: summit on the Global Pact for the Environment. **France Diplomatie**, 2017. Disponível em: <
<https://www.diplomatie.gouv.fr/en/french-foreign-policy/united-nations/events/united-nations-general-assembly-sessions/unga-s-72nd-session/article/speech-by-m-emmanuel-macron-president-of-the-republic-summit-on-the-global-pact>>. Acesso em: outubro de 2018.

STATEMENT by the prime minister of Canada on world environment day. **Justin Trudeau, Prime Minister of Canada**, 2018. Disponível em: <
<https://pm.gc.ca/eng/news/2018/06/05/statement-prime-minister-canada-world-environment-day>>. Acesso em: outubro de 2018.

Anexo A

Discurso feito pelo Presidente da França, Emmanuel Macron, durante o lançamento internacional do “*Global Pact for the Environment*”, o qual ocorreu durante a 72ª Assembléia Geral da ONU:

“Thank you very much for being here today.

I want to thank the United Nations Secretary-General for being here and for hosting us at this place, and to thank each and every one of you for being here today for the summit to launch the Global Pact for the Environment.

Indeed, I’m very pleased to see you alongside the Secretary-General and the President of the General Assembly, and surrounded by so many figures from all over the world in an effort to, in a way, make up for lost time.

We can never totally catch up, because this initiative should have been taken a long time ago, but I think that with determination, organization, inspiration and willpower we can do a great deal.

Over several years, several decades, before and after the Earth Summit of 1992, protecting nature has gradually become a daily battle for the UN and all its agencies. And this battle has been fought with difficulty, sometimes painfully, but with passion and determination in every field, be it climate change, biodiversity, the fight against deforestation and desertification, the fight against trafficking in endangered species, measures to tackle air, water and soil pollution, or the safeguarding of the oceans and polar regions.

All these battles have given rise to statements, conventions and protocols which are the result of years and years and scientific research, curiosity, cooperation and activism, but also suffering, the degradation of natural resources, and outrageous plundering and waste.

All that legislation, all those joint efforts merit the adoption of a single, universal framework. And I have to say this is what’s brought us together in this hall today. A framework that will promote at the highest level peoples’ and governments’ ambitions for protecting the planet. A framework that will establish rights, but also duties for mankind as regards nature and therefore as regards itself. This collective framework is the Global Pact for the Environment.

I want to thank the many international, European and French experts who have worked for months to put together this draft. Laurent Fabius will explain to us in a moment how the principles [of] and proposals for articles in the pact were laid down, and the draft is a magnificent basis for work on which – we hope, at any rate I very much hope – the United Nations General Assembly will be able to speak out, in coordination with the UNDP, on the issue of common interests, in order subsequently to have a proactive agenda.

This draft is a challenge posed to us all: to build, in a way, the law which the epoch we’ve entered – the anthropocene epoch – needs. This law doesn’t exist today, and that’s the purpose of the appeal we’re making today to adopt this Global Pact for the Environment.

We must follow our consciences and radically overhaul the paradigms of our shared lives on this planet, and to this end we must forge ideas, notions and rules enabling us to lay the foundations of this new commitment.

We all know that the degradation of the environment is already causing hundreds of thousands of deaths – millions according to some calculations – due to global warming and air pollution. And those most affected are always the most vulnerable people in the most vulnerable countries: children, elderly people and women, particularly pregnant women, and unless it's slowed down this change will cause the disappearance of entire territories. It will accentuate water wars, famines, the exhaustion of natural resources, exoduses and therefore all the geopolitical turmoil issues of which we're perfectly aware and of which, much too often, we deal only with the ultimate consequences without tackling the root causes.

These disasters will be worse tomorrow if we do nothing – even though many opportunities and developments are possible – and if we don't decide to act now.

With the law, with this Global Pact for the Environment, we've got to go further in transforming our societies and taking resolute action. The United Nations is the appropriate forum for building this Global Pact for the Environment together. Let's draw on the success of Agenda 2030, which, with the Paris Agreement, is our common road map for transforming the world. And by strengthening international environmental law, in furtherance of the Sustainable Development Goals, and thus making it easier to implement the environmental pillar of sustainable development, the pact will be a tool for all states for implementing Agenda 2030.

To negotiate it, we already have founding principles and solid foundations, such as the 1972 Stockholm Declaration and that of Rio in 1992 and 2012, international global and sectoral agreements on climate, biodiversity, the fight against desertification, waste and chemical products; and all these instruments serve as a legal arsenal which will allow us to bring together in a single, binding text the various elements making up international environmental law, adding to them ambitiously against the yardstick of the major challenge posed by the environmental crisis.

I very strongly believe that the world is ready for this and that it's our responsibility; and rather than spend too much time wondering whether we should reopen issues we've already closed, or decisions we've already taken, we've instead got to forge ahead and build the next step. This Global Pact for the Environment is the next step.

So I'd like us to have fruitful, effective discussions today and conclude a "battle plan", if you'll allow me to use that expression, which I don't mean to sound aggressive, but which seeks pragmatism on this issue.

I'm immediately going to hand over to Miroslav Lajčák, the President of the United Nations General Assembly."

Anexo B

Depoimento do Primeiro Ministro do Canadá, Justin Trudeau, no dia do Meio Ambiente de 2018:

“Today, on World Environment Day, we join the international community to celebrate the natural world around us and reflect on our shared responsibility to safeguard the environment for generations to come.

“The theme for this year’s World Environment Day – Beat Plastic Pollution – calls on all of us to make changes in our lives that help eliminate plastic waste and pollution, and protect our planet.

“Plastic pollution is a global challenge that does not respect borders – it litters our streets, accumulates in our landfills, and contaminates our rivers and oceans. To help reduce waste and fight climate change, the Government of Canada has taken significant steps and is planning important new measures to protect the environment and promote clean growth, here at home and abroad.

“Today, we announced the appointment of Patricia Fuller as Canada’s new Ambassador for Climate Change to help advance Canada’s clean growth and climate change priorities on the world stage. Later this week at the G7 Summit, we will bring world leaders together to discuss how we can reduce plastic pollution, tackle climate change, and improve the health of the world’s oceans.

“The Government of Canada will continue to drive progress on the environmental challenges we face as a global community, and protect the clean air and water we share.

“On behalf of the Government of Canada, I encourage everyone to take action and #BeatPlasticPollution. I also invite Canadians to share their ideas on how we can move Canada toward zero plastic waste. From changing how we create plastics to making sure they are reused and recycled, together, we can make a real difference for our planet’s future.”

Discurso de proposta ambiental e econômica do então candidato a Primeiro Ministro, Justin Trudeau, enquanto estava em campanha em 2015:

“Thank you. What a great introduction. Wade has been a staunch environmentalist for his entire life. He’s spent decades protecting the natural environment here in B.C. and across Canada. And we’re thrilled to have his support.

It’s great to be here. Actually, it’s great to be back here. I used to come here as a kid – my grandma used to bring me here to this very spot, for sailing lessons. I was about the same age as some of the kids here today. And when we’d get home, I’d tell my grandfather, Jimmy Sinclair, about my day. He used to say: “Justin, you’re a natural,” but I later realized he never said a natural “what,” exactly.

I was thinking on the way over here about my family, about our relationship with the outdoors – with Canada’s natural beauty. My dad taught us Trudeau boys how to paddle a canoe almost as soon as we could walk.

And like many Canadians, I've spent many summer nights out under the stars, beside a campfire, getting eaten alive. My dad was never a fan of bug spray.

I've always believed that when it comes to our environment, we Canadians get it. We appreciate its beauty, understand its dangers and know its value.

Canadians get that our wealth comes from our land and water, so we treat them with respect. That's why we're so disappointed in the Harper Conservatives.

In the last decade, as every other country in the world moved forward into clean tech, into building a stronger, more sustainable economy, Harper took us backwards.

By denying climate change, he denied Canadians opportunity: the opportunity to strengthen our economy; to take advantage of the ingenuity and talent of our people; and to take the lead in the race to create new, high-tech, clean jobs.

No country was better positioned to take advantage of those new opportunities in the global economy than Canada. No country in the world had stronger assets and weaker leadership. No government got it more wrong than Harper's. A Liberal government will make it right.

Today, I'm here to announce our plan for real change for our environment, our economy, and our future. We need to take real action on climate change.

It is time Canada put a price on carbon pollution. We'll work with the provinces within 90 days of the Paris UN climate change conference to establish a framework for reducing Canada's collective carbon footprint.

We'll invest in clean technologies. We'll look to the future and develop a Canadian energy strategy that delivers security and energy conservation while investing millions in new clean tech.

To create more clean jobs and investment overall, we'll enhance tax measures that help all companies innovate, grow, and create jobs.

We'll attend the Paris UN climate change conference with the Premiers.

To clean up the mess in our own backyard, we'll put some teeth back into the environmental review process, the one gutted by Harper.

To make sure even more Canadian families get to enjoy our country's natural beauty, we'll make admission to National Parks free in 2017, the 150th anniversary of Confederation.

We'll pay for this by cutting the lavish Canada 150 advertising budget, because our country's beauty speaks for itself.

Finally, we'll protect our wildlife and our water by increasing the amount of protected marine and coastal areas to 5 per cent by 2017 and 10 per cent by 2020.

These are just the highlights. You can find the rest of our plan for real environmental and economic change at realchange.ca.

And those two things, the environment and the economy, they go together like paddles and canoes. Unless you have both, you won't get to where you are going, because you can't have a strong economy without a healthy environment.

If we want to leave both to our children and grandchildren – if we want them to inherit clean air to breathe, clean water to drink, and sail on, and a strong, vibrant, high-tech economy with good jobs – we've got to do them both together.

The world has changed in the last 10 years. Stephen Harper doesn't get it.

Now and in the future, the path to economic growth and good middle class jobs is through strong environmental policy. We've got to act now.

We can create clean jobs, grow our economy, and protect our environment by working together. Not just different leadership, better leadership. Not just a new team, a stronger team. Because real change means a new plan for Canada.

Thank you."